

DOSSIÊ: ESTUDOS CIGANOS NO BRASIL – PERSPECTIVAS E ENTRELAÇAMENTOS ETNOGRÁFICOS

DOSSIER: ROMANI STUDIES IN BRAZIL – PERSPECTIVES AND ETHNOGRAPHIC INTERTWININGS

Cleiton Machado Maia¹
Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro²

APRESENTAÇÃO

As últimas três décadas foram de grandes transformações sobre os debates em relação aos ciganos no Brasil. No dia 24 de maio de 2006 foi criado o Dia Nacional do Cigano no Brasil e o evento foi marcado também pelo lançamento da cartilha *Povo cigano: o direito em suas mãos*³. No mesmo ano aconteceu a criação do *Prêmio Culturas Ciganas* pelo Ministério da Cultura, que contou com a sua primeira edição em 2010 e nos anos seguintes sucederam debates até a proposta de criação do Projeto de Lei⁴ (PL 248/2015), que propõe um “Estatuto do cigano”, no ano de 2015. O Decreto⁵

¹ Pós-Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do grupo de pesquisa “DISTÚRBIO: Dispositivos, Tramas Urbanas, Ordens e Resistências” no PPCIS - UERJ. E-mail: cleitommaia@gmail.com.

² Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Mestra em Antropologia Social (PPGA/UFPB) e Bacharela em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia (DCS/UFPB). Participa como integrante do grupo de pesquisa CRIAS - criança, sociedade e cultura, da UFPB, e do NEPI - Núcleo de Estudos de Populações Indígenas (UFSC). Integra a Rede de Saberes e Educação do INCT Brasil Plural/UFSC. Integrante do Grupo de Estudos Romani Studies. E-mail: edilmanjmonteiro8@gmail.com.

³ STANESCON, Mirian. *Cartilha Povo cigano: o direito em suas mãos*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH). Realização: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural e Fundação Santa Sara Kali, 2007. Disponível em: <<http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/05/cartilha-ciganos.pdf>>. Acesso em 19 mar. 2019.

⁴ BRASIL. *Projeto de Lei do Senado nº 248*, de 29 de abril de 2015. Cria o Estatuto do Cigano. Brasília, 2015. *Diário do Senado Federal*, Brasília, DF, 30 abr. 2015. Comunicações, p. 24. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/120952>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

⁵ BRASIL, *Decreto de 25 de maio de 2006. Institui o Dia Nacional do Cigano*. Brasília, 2006. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 mai. 2006. Seção 1, p. 4. Planalto, Portal eletrônico da Presidência da República, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn10841.htm>. Acesso em: 03 mar. 2019.

Presidencial que criou o Dia Nacional do Cigano no Brasil foi um marco nas políticas em relação aos ciganos, impulsionando debates, promovendo uma crescente quantidade de pesquisas e colocando o tema cigano no centro de novas produções no espaço público, na mídia e nas instituições acadêmicas.

A visibilidade alcançada pelos ciganos nesse período faz parte de um debate bem mais amplo promovido desde o processo de formulação de nossa Carta Magna, no ano de 1988. Como demonstra a autora Susan Wright (1999, p. 13), algumas organizações internacionais incentivaram políticas públicas que entendiam como uma das possibilidades de construção da democracia apoiada na ideia de diversidade cultural que ganhava força no contexto internacional. Esse processo sócio-histórico apresentou novos atores e novas formas de envolvimento na construção de nossa Constituição e durante as últimas décadas continuam gerando novos espaços de visibilidade e disputas entre antigos e novos atores.

Os estudos ciganos no campo científico das ciências sociais e humanas expandiram, trazendo à cena novos pesquisadores para problematizar as questões entre diferentes populações, ou grupos, ciganos no Brasil.

A identificação sobre a pessoa cigana, ou mesmo a referência deste “ser cigano”, tem sido vista como uma fonte permanente de disputas no cenário político brasileiro: quem pode falar como, em nome de uma representatividade cigana? A identidade cigana (é) se coloca como uma questão a ser refletida em diálogo constante sobre as proposições dadas nos contextos etnográficos. As reflexões sobre o universo temático das identidades reivindicadas em face do acesso às políticas públicas têm congregado pesquisadores, tanto ciganos quanto não ciganos, envolvidos com os grupos ciganos no Brasil e exterior. Deste modo, objetivamos dar continuidade aos debates anteriores e, ao mesmo tempo, discutir a produção etnográfica sobre grupos ciganos que emergem no agora. Analisando os processos de construções identitárias e de demandas; propondo uma reflexão sobre a (in)visibilidade desses sujeitos em diferentes cenários políticos (que ora pode ser estratégico, ora não); e problematizando como os projetos políticos das organizações ciganas são moldados pelas imaginações étnicas e nacionalistas que circulam nas diferentes realidades, o dossiê pretende criar um campo de interlocução, especialmente no Brasil, contribuindo para uma análise de pesquisa comparativa ampliada. Indagar sobre o papel da produção antropológica na mediação entre esses diferentes grupos e as esferas públicas coloca-se como um ponto de tensão.

Dossiê: Estudos ciganos no Brasil – perspectivas e entrelaçamentos etnográficos – Cleiton Machado Maia; Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro – p. 3-9

A compreensão e a especificação sobre uma dada representação cigana uníssona, perpassam os debates sobre identidade, representação e formação de pessoa. Demonstrar como constituem-se *diferentes formas* (BRAH, 2008) de ser cigano, por diferentes relações internas e externas, confere a fertilidade do campo de debate teórico que se forma nos estudos ciganos no campo brasileiro, como são apresentadas nos variados artigos e ensaios que compõem esse dossiê, subdividido em três seções: 1) entrevista; 2) artigos científicos; e 3) ensaios fotográficos.

Para abrir o dossiê trazemos a entrevista conduzida pelas pesquisadoras Helena Dolabela Pereira e Juliana Miranda Soares Campos com o antropólogo eslovaco Martin Fotta⁶, que nos faz perceber a dimensão das problemáticas de um campo de estudos que não é tão recente, mas que já apresenta suas proposições. Através da apresentação da trajetória de trabalho de duas décadas com populações ciganas no Brasil e na Europa, as entrevistadoras abordam as pesquisas desenvolvidas pelo antropólogo sobre as práticas econômicas com os ciganos calons na Bahia⁷ e de maneira primorosa nos conduzem por um entrelaçado etnográfico, apresentando e propondo novos olhares metodológicos para os estudos ciganos no Brasil. Na entrevista, as antropólogas abordam também quais as contribuições os estudos ciganos podem dar à antropologia brasileira, traçando um diálogo a partir das questões que se desdobram desse campo, as articulações entre o campo de pesquisa nos temas hegemônicos e novas questões que se desdobram no fazer antropológico. Além da conversa que nos permite revisitar algumas referências dos estudos ciganos no Brasil e refletir como estudiosos da temática esse diálogo mais profícuo na antropologia brasileira. Podemos na entrevista também conhecer mais do ponto de vista do autor sobre a relação entre ciganos e Estado, bem como, compreender mais sobre noções do “fazer futuro”, e da ideia dos ciganos como “fonte de crédito”, assuntos de seus contextos etnográficos que ilustram de forma macro a dinâmica da vida Calon.

⁶ Atualmente, Martin Fotta se prepara para assumir um posto, em setembro, de pesquisador no Instituto de Etnologia da Academia de Ciências da República Tcheca. Em julho de 2020, Martin nos concedeu gentilmente essa entrevista, que diz muito sobre sua própria produção acadêmica e também sua visão sobre o estado da arte dos estudos ciganos no Brasil.

⁷ O texto pode ser conferido na em sua tese de doutorado *The bankers of the backlands. Financialisation and the Calon-Gypsies in Bahia*, defendida em 2012 na Universidade de Londres; no seu livro mais recente *From Itinerant Trade to Moneylending in the Era of Financial Inclusion* (2018) e em diversos artigos publicados.

Em sequência à entrevista, o dossiê apresenta dois grupos de artigos. O primeiro é formado por três pesquisas que estão atravessadas pelas temáticas rotas e fixação, apresentando como em diferentes realidades e micropolíticas elas produzem diferentes subjetividades. O artigo *Entre rotas e fixações: a presença calon no sul do Maranhão e sua invisibilidade política*, dos pesquisadores Janeide da Silva Cavalcante, Watilla Cirqueira Leite e Wellington da Silva Conceição, analisa como a presença de ciganos na região Sul Maranhense foi sendo configurada entre as relações de dois contextos etnográficos. Os autores descrevem os fluxos e como as redes familiares foram formalizadas nos últimos anos, relacionando as redes traçadas e analisando as relações entre ciganos e não ciganos a partir dos estereótipos e estigmas que lhes são direcionados, surtindo efeitos nefastos, como o da invisibilidade política. Destacamos ainda que dentre os estudos ciganos no Brasil, o trabalho torna-se uma referência para pensar os ciganos Calon no Maranhão.

O artigo da doutora Virgínia Kátia de Araújo Souza, intitulado *Duplo movimento de um fazer-se calon*, aborda o movimento entre os calons da região do Seridó, do Rio Grande do Norte por duas vias analíticas, como subsistência e doença/morte, sendo bases no processo de “fazer-se calon”. A autora utiliza-se das categorias êmicas como “fazer a feira” e “vou viajar” para descrever as dinâmicas econômicas que cercam a família cigana. Destacamos que a partir deste trabalho, podemos compreender a importância das mulheres ciganas na economia familiar.

No artigo do pesquisador Renan Monteiro entre os Calon da “Rua dos Ciganos” da Costa Norte da Paraíba, a centralidade do debate concentra-se na análise da vida Calon na perspectiva da música, aprendizagem e *performance*. A partir do conceito da “comunidade de afetos”, o autor escreve as dinâmicas do seu contexto etnográfico na relação entre meninos e homens ciganos na educação prática Calon. O texto intitulado *Saber cantar, Comunhão de Sentimentos e Comunidade de Afetos: Algumas questões sobre música entre ciganos da Costa Norte da Paraíba*, destaca que apesar de vários tipos de música que tocam na Rua (seja gospel, funk ou forró), é através do ato de cantar uma música sertaneja, como no “saber cantar”, que alguns homens irão comunicar seus sentimentos e, também, criar uma “comunidade de afetos” que é referencial.

O segundo grupo de reflexões é formado por três artigos que dialogam com novos olhares que se tornaram possíveis com a criação do Decreto Presidencial que Dossiê: Estudos ciganos no Brasil – perspectivas e entrelaçamentos etnográficos – Cleiton Machado Maia; Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro – p. 3-9

criou o Dia Nacional do Cigano no Brasil. No primeiro texto, denominado “*Vai um cafezinho?*”: *Os caminhos da etnografia do processo legislativo do “Estatuto do Cigano”*, o pesquisador e doutorando da área do Direito, Phillippe Cupertino, nos traz reflexões sobre metodologia a partir de um texto etnográfico que vai apresentando sua trajetória no campo dos estudos ciganos, descrevendo como ele chega no campo e como vão sendo tecidas suas relações com ciganos e não ciganos no caminho da elaboração da pesquisa sobre o Projeto de Lei (PL 248/2015), que tem como proposta a criação de um “Estatuto Cigano”. No artigo, além das questões metodológicas da pesquisa, conhecemos mais sobre a abordagem do Estado brasileiro com as demandas das populações ciganas, especialmente no âmbito do Poder Legislativo, cenário de parte do seu trabalho de campo.

O artigo seguinte assinado pelos pesquisadores Carliane Sandes Alves Gomes e Cássio Lopes da Cruz Novo tratam de aspectos inovadores e atuais. Com a proposta de realizarem um “*etnogeografia virtual*” para análise do ritual da comemoração do Dia Nacional do Cigano e de Santa Sara Kali, através de uma *live*, pois não pôde ser realizado no Parque Garota de Ipanema, em 24 de maio de 2020, os pesquisadores descrevem a forma relacional com o território e o lugar de fé para a cigana Mirian e seu grupo. O texto *Live das Bençãos: Multiterritorialidades da Rainha do Lugar*, apontam a reflexão sobre outras e novas formas de territorializar espaços e datas, mantendo o controle de narrativas e estabelecendo-as.

O último artigo do dossiê evoca uma discussão que ressignifica o debate sobre representação. A pesquisadora Mirian Alves de Souza, a partir da noção de um desacordo na “intimidade cultural”, na perspectiva de identidade cigana, parte de um diálogo de campo para problematizar as tensões sobre a proposição de uma identidade cigana uníssona. A partir do seu texto intitulado *Notas etnográficas sobre o desacordo nas comunidades ciganas imaginadas*, podemos compreender as relações numa dinâmica interna e heterogênea.

A terceira seção do nosso dossiê conta com os ensaios dos organizadores deste número. Através de uma etnografia visual, o pesquisador Cleiton Machado Maia aborda como os rituais dos *ciganos de espírito* e *ciganos de verdade* constituem *diferentes formas* (BRAH, 2008) de ser cigano performatizadas e ritualizadas na cidade do Rio de Janeiro na última década. O primeiro é realizado pelo grupo chamado *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez* em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense da cidade do Rio

Dossiê: Estudos ciganos no Brasil – perspectivas e entrelaçamentos etnográficos – Cleiton Machado Maia; Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro – p. 3-9

de Janeiro. O segundo ritual acontece em comemoração ao Dia Nacional do Cigano e de Santa Sara Kali, a comemoração cigana de maior visibilidade que ocorre na cidade, um ritual que incorpora expressões cívicas, religiosas e culturais ciganas.

A pesquisadora Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro apresenta no fechamento deste dossiê o ensaio fotográfico *Calins: meninas e mulheres ciganas*. Com o objeto de deslocar o olhar sobre o reconhecimento da pessoa cigana, a antropóloga traz um ensaio de mulheres ciganas de famílias calons de diferentes contextos etnográficos em seus cotidianos. As imagens buscam fazer uma contranarrativa sobre os estereótipos mais reconhecidos de mulheres ciganas. Através da lente da pesquisadora enxergamos as mulheres ciganas em seus cotidianos e em festejos.

Assim, é com muito prazer que compartilhamos com os leitores este conjunto de trabalhos. Em nossa compreensão, o campo de estudos ciganos aqui destacado cresce continuamente. Neste conjunto de textos vemos novos e antigos pesquisadores que versam os seus trabalhos em diferentes campos científicos na transversalidade de compreender as populações ciganas. Vemos o resultado deste dossiê como o encontro entre temas que têm sido ressignificados a partir de novas pesquisas e outros contextos etnográficos. Nosso intuito, portanto, não é o de circunscrever ou delimitar um campo, mas destacá-lo de modo a colocá-lo em relação com outros campos de pesquisa e, sobretudo, com a produção mais ampla das Ciências Sociais. Esperamos ter alcançado esse objetivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto de 25 de maio de 2006. Institui o Dia Nacional do Cigano. Brasília, 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 mai. 2006. Seção 1, p. 4. Planalto, Portal eletrônico da Presidência da República, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn10841.htm>. Acesso em: 03 mar. 2019.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado nº 248, de 29 de abril de 2015. Cria o Estatuto do Cigano. Brasília, 2015. **Diário do Senado Federal**, Brasília, DF, 30 abr. 2015. Comunicações, p. 24. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/120952>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

STANESCON, Mirian. **Cartilha Povo cigano: o direito em suas mãos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH). Realização: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural e Fundação Santa Sara Kali, 2007. Disponível em: <<http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/05/cartilha-ciganos.pdf>>. Acesso em 19 mar. 2019.

WRIGHT, Susan. The politicization of ‘culture’, **Anthropology Today**, v.14, n. 1, p. 7-15, 1999.